CHARLES RAY



UMA BIOGRAFIA DE

SUSANNAH SPURGEON

CHARLES E SUSANNAH SPURGEON: VIDA DE CASADOS (CAPÍTULO 5)

Copyright

Uma Biografia de Susannah Spurgeon:

Charles e Susannah Spurgeon:

Vida de Casados

Charles Ray

Traduzido do original em Inglês

MRS. C.H. SPURGEON

A biography of Susannah Spurgeon

By Charles Ray, 1905

A presente tradução consiste somente no Capítulo 5, *Married Life,* da obra supracitada

Via: ReformedReader.org

Tradução por Camila Almeida

Revisão e Capa por William Teixeira

1ª Edição: Fevereiro de 2016

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a permissão do website ReformedReader.org, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercialNo-Derivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Uma Biografia de Susannah Spurgeon
Charles e Susannah Spurgeon: Vida de Casados

Por Charles Ray

[Sra. C. H. Spurgeon: Uma Biografia de Susannah Spurgeon • Capítulo 5 • 1905]

O casamento de Susannah Thompson e Charles Haddon Spurgeon ocorreu no New Park Street Chapel, em 8 de janeiro de 1856. O Dr. Alexander Fletcher, de Finsbury Chapel, foi o oficiante. Como se pode imaginar, no caso de um homem cujo nome estava na boca de todo mundo, e cujo trabalho notável era o tema de discussão em todos os lugares do país, era impossível que o casamento fosse um dia muito tranquilo. Em um momento bem no início da manhã as pessoas começaram a se reunir fora da Capela, estando as senhoras entre as primeiras a chegar, e logo depois das oito horas a multidão havia aumentado a tais proporções, que New Park Street e algumas ruas adjacentes foram bloqueadas com as pessoas, e o trânsito estava praticamente parado. Um corpo especial da polícia precisou ser convocado para evitar acidentes. Quando as portas da Capela foram finalmente abertas, houve uma corrida para os bancos, e em menos de meia hora, o edifício estava cheio ao máximo de sua capacidade. Muitos que tinham convite, mas chegaram tarde foram incapazes de entrar. Muitos foram para casa quando descobriram que não havia nenhuma possibilidade de entrarem na Capela, mas alguns milhares ainda permaneciam nas ruas para ver a noiva e o noivo entrarem e saírem. Deve ter sido uma dura provação para a menina modesta e acanhada. Ela tinha levantado cedo e passou muito tempo em seu quarto em oração secreta.

Embora maravilhada com um senso das responsabilidades que ela estava prestes a assumir, ela estava “feliz além da expressão” que o Senhor a havia favorecido, e de joelhos e sozinha, ela sinceramente buscava força, bênção e orientação para a nova vida diante dela. O vestir-se para a cerimônia não tomou um tempo desmedido como acontece com algumas donzelas, pois Susannah Thompson estava vestida de forma muito simples, e enquanto ela seguia pela cidade para a Capela com o seu pai, o principal pensamento da jovem era “como os transeuntes lançam olhares atônitos para a cortejo do casamento se todos conheciam com que maravilhoso noivo ela estava indo se encontrar”. As multidões permaneciam nas ruas adjacentes a New Park Street, desnorteando a noiva, e ela se lembrava de poucos coisas até que ela estivesse dentro do prédio, “um grande casamento, em parte, no banco da igreja, o velho e querido Dr. Alexander Fletcher radiante em benignidade para com a noiva e o noivo diante dele, e os diáconos se esforçando para acalmar e satisfazer os espectadores animados e ansiosos”. O culto foi iniciado pela congregação cantando o hino, “Salvação, ó som alegre!”. Após o qual o Dr. Fletcher leu o Salmo centésimo e orou pela

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/oEstandarteDeCristo

bênção Divina sobre o jovem casal. O ministro venerável, então, realizou um discurso breve e a cerimônia de casamento foi realizada da maneira usual. A leitura de uma outra lição, um hino cantado pela congregação e uma oração de encerramento, concluíram o cerimonial, e Sr. e Sra. Spurgeon, depois de receberem os parabéns de seus amigos na Capela, foram embora em meio ao alto e contínuo aplauso de multidões que se reuniram em frente ao prédio.

Uma breve lua de mel de 10 dias foi realizada em Paris, e como a Sra. Spurgeon tinha ido muitas vezes àquela cidade antes e era uma boa estudiosa de francês, ela agiu como cicerone para o marido. Juntos, eles visitaram as várias igrejas, palácios e museus, a senhora encontrava um novo interesse em todos aqueles lugares familiares por causa "daqueles olhos amorosos que agora olhavam para eles", junto com ela. Anos depois, durante uma das visitas frequentes de C. H. Spurgeon à capital francesa, ele escreveu à sua esposa: "Meu coração voa para você, enquanto eu me lembro da minha primeira visita a esta cidade, sob a sua orientação. Eu te amo agora como naquela ocasião, só que multiplicado por muitas vezes".

O feliz casal gostaria de prolongar o feriado, mas o pregador era incapaz de deixar a sua obra, e assim eles voltaram para a sua primeira casa juntos, uma modesta casa em New Kent Road, em Londres, onde, como em todas as suas futuras casas, o melhor quarto tornou-se a biblioteca. "Nós nunca sobrecarregamos a nós mesmos", diz a Sra. Spurgeon, "com o que um escritor moderno chama de 'inconveniência de uma sala de estar'"; talvez pela boa razão de que nós éramos tão caseiros, tais pessoas ocupadas que não tínhamos necessidade de tão inútil lugar; porém, sobretudo, penso eu, porque o melhor quarto foi sempre sentido pertencer por direito à pessoa 'que muito trabalhou no Senhor'. Nunca me arrependi dessa decisão desde o início; esta é uma organização sensata para a casa de um ministro, se não para qualquer outro". O serviço de manutenção da casa foi iniciado em uma escala muito modesta, pois C. H. Spurgeon estava bem ansioso para proporcionar um treinamento para jovens pregadores que precisavam de educação para prepará-los para o ministério, e sua esposa se lançou no trabalho com um zelo não menor do que o dele próprio. Ela era uma administradora esplêndida, e por meio de economias rígidas uma quantidade substancial foi poupada para o apoio e educação do primeiro estudante, o sucesso deste esforço conduziu à fundação do Colégio de Pastores. "Alegro-me", diz a Sra. Spurgeon, "ao lembrar de como eu compartilhei a alegria do meu amado quando fundou a Instituição, e que, juntos, planejamos e nos esforçamos a fim de realizar o propósito de seu coração amoroso; isso fez nascer em mim um interesse quase que maternal pelo Colégio, e por 'nossos próprios homens'. A principal dificuldade no que diz respeito a questões de dinheiro naqueles dias era 'fazer ambas as finalidades se encontrarem'; nós nunca tivemos de sobra para 'fazer um laço com o que sobrava'; mas eu posso ver agora que esta foi a forma de Deus preparar-nos para simpatizar com e ajudar os pastores pobres nos anos que

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/oEstandarteDeCristo

viriam". Houve momentos em que o casal devotado absteve-se de coisas quase necessárias, a fim de ter dinheiro para ajudar no trabalho, e para a jovem esposa deve ter sido realmente um período de ansiedade quando "os meios estiveram intensamente limitados e os cofres tanto do Colégio quanto na casa estavam quase vazios". Mas havia alegrias que mais do que compensaram quaisquer cuidados deste tipo.

Que tempos de felicidade foram gastos na pequena casa nas noites de Domingo depois que os deveres do dia eram cumpridos. Em seu retorno da Capela, cansado por seus trabalhos, o pregador desfrutaria de uma refeição leve e, em seguida, lançar-se-ia em uma poltrona em frente à lareira, enquanto sua esposa se sentava sobre uma almofada a seus pés, lendo para ele as páginas de George Herbert ou algum outro poeta Cristão. Ou, se o jovem ministro sentia que não tinha sido tão sincero em sua pregação quanto deveria ter sido, o poeta daria lugar ao "Pastor Reformado", de Richard Baxter, e enquanto as palavras solenes eram lidas, marido e mulher soluçavam e choravam juntos, ele "a partir de lamentos por uma consciência muito leve para com a Deus", e ela, porque "o amava e queria compartilhar a sua dor".

A ausência constante de Charles Haddon Spurgeon de sua casa, para o cumprimento de seus compromissos, eram fontes de severa prova para a jovem esposa. Muitas vezes, na sala de estar, cansada de esperar tarde da noite o seu retorno, ela andaria de um lado para o outro no corredor, orando para que ele pudesse ser trazido de volta em segurança à sua casa, e com que emoção de alegria e gratidão ela abria a porta e o recebia, quando o seu passo era ouvido do lado de fora. Uma única vez, ela desabou, quando o seu amado estava prestes a sair no início da manhã para uma missão distante, e as lágrimas não puderam ser deixadas para trás. "Esposa", disse o marido, "você acha que quando qualquer um dos filhos de Israel traziam um cordeiro ao altar do Senhor como uma oferenda a Deus, eles se levantaram e choravam sobre ele quando tinha visto isso colocado ali?"; e quando ela respondeu negativamente, ele acrescentou com ternura: "Bem, você não vê, você está me entregando a Deus ao deixar-me ir pregar o Evangelho aos pobres pecadores, e você acha que Ele gosta de ver você chorar por seu sacrifício?". "Alguma vez poderia uma repreensão ser mais doce e dada mais graciosamente?", diz a Sra. Spurgeon. "Ele tocou fundo em meu coração, trazendo conforto consigo e daí em diante, quando eu compartilhava com ele, as lágrimas eram raramente autorizadas a mostrarem-se, ou se uma ou duas perdidas se atreviam a correr além dos limites, ele diria: 'O quê! chorando sobre o seu cordeiro, esposa!', e este lembrete rapidamente as enxugava, e trazia um sorriso em seu lugar". Um incidente muito notável aconteceu por volta dessa época. Em uma certa noite de Sábado, C. H. Spurgeon viu-se incapaz de obter qualquer luz sobre o texto a partir do qual ele acreditava que deveria pregar na manhã seguinte. Comentários foram consultados, mas em vão, e sua esposa não poderia ajudá-lo. O restante da história deve ser contado nas próprias palavras da Sra. Spurgeon.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/oEstandarteDeCristo

“Ele sentou-se muito tarde e estava completamente desgastado e desanimado, pois todos os seus esforços para obter o cerne do texto foram inúteis. Aconselhei-o a retirar-se para descansar e acalmar-se, sugerindo que se ele tentasse dormir, então, ele provavelmente na parte da manhã se sentiria muito revigorado e capaz de estudar para melhor efeito. ‘Se eu vou dormir agora, esposa, você me acordará muito cedo para que eu possa ter tempo de sobra para me preparar?’. Com a garantia amável que eu vigiaria o tempo para ele e o chamaria em breve, ele ficou satisfeito; e, assim, como uma confiante criança cansada, ele deitou a cabeça sobre o travesseiro e dormiu profunda e docemente ao mesmo tempo. Aos poucos uma coisa maravilhosa aconteceu. Durante as primeiras horas do amanhecer do Sabath, eu o ouvi falando em seu sono, e me despertei para ouvi-lo atentamente. Logo percebi que ele estava indo para o motivo do verso que tinha sido tão obscuro para ele, e estava dando uma exposição clara e distinta do seu significado com muita força e vigor. Pus-me com quase tremente alegria a entender e acompanhar tudo o que ele estava dizendo, pois eu sabia que se eu pudesse apenas aproveitar e lembrar os pontos mais importantes do discurso, ele não teria nenhuma dificuldade em ampliá-los e desenvolver sobre eles. Nunca o pregador teve um ouvinte mais anelante e ansioso! E se eu deixasse as preciosas palavras serem perdidas? Eu não tinha meios ao lado para anotá-las, por isso, como Neemias, ‘orei ao Deus do Céu’, e pedi que eu pudesse receber e reter os pensamentos que ele tinha dado a Seu servo em seu sono, e que foram assim, singularmente confiadas à minha guarda. Enquanto eu ficava repetindo uma e outra vez os principais pontos que eu queria lembrar, minha alegria era tão grande em antecipação à sua surpresa e alegria ao acordar; mas eu me mantive em vigília por tanto tempo, valorizando a minha alegria, que eu devo ter sido vencida pelo sono exatamente quando o tempo habitual para o levantar chegou, pois ele acordou e levantou-se assustado e, vendo o relógio denunciador, disse: ‘ó esposa, você disse que me acordaria muito cedo, e agora veja a hora! Oh, por que você me deixou dormir? O que devo fazer? O que eu devo fazer?’. ‘Ouça, querido’, respondi; e eu disse a ele tudo o que eu o havia ouvido falar. ‘Ora! isso é exatamente o que eu queria’, ele exclamou; ‘esta é a verdadeira explicação de todo o versículo! E você diz que eu preguei isso no meu sono?’ ‘É maravilhoso’, ele repetiu uma e outra vez, e ambos louvaram ao Senhor por tão notável manifestação do Seu poder e amor”.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no T empo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbítrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

1 Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
2 Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. 3 Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. 4 Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. 5 Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. 6 Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. 7 Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. 8 Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. 9 Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; 10 Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; 11 E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. 12 De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. 13 E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. 14 Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. 15 Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. 16 Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. 17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; 18 Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.